



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do primeiro navio Suezmax, batizado João Cândido, construído pelo Programa de Modernização e Expansão da Frota/Programa de Aceleração do Crescimento (Promef/PAC)

Ipojuca-PE, 07 de maio de 2010

Eu estou vendo, eu estou vendo um pessoal meio “metido” aí, Eduardo, acho que zombando de você e zombando de mim, com a bandeira do Sport ali, porque o Sport foi pentacampeão. A vida é assim: enquanto uns riem, outros choram. O meu Corinthians não conseguiu, mas eu já estou com esperança do próximo ano.

Olha, eu vou... Eu queria pedir desculpas aos companheiros. Eu aprendi que quando Pancho Villa fez a Revolução Mexicana, o primeiro decreto dele foi abolir nominata. Então, ele não ficava citando nome do vereador, do prefeito. Ele dizia “cidadãos e cidadãs do México”. Eu quero dizer: cidadãos e cidadãs do Brasil e de Pernambuco.

Olhe, eu vou, eu vou, vou deixar meu discurso aqui porque eu quero, eu quero confabular com vocês umas coisas aqui. Eduardo, no dia da eleição, em 2002, eu... é engraçado, porque a gente briga para ser presidente, e quando eu ganhei, fiquei nervoso. Eu fiquei pensando: será que eu vou conseguir carregar esse “navio” deste tamanho? Oito milhões e meio de quilômetros quadrados, não sei quantos milhões de problemas. Porque naquele tempo, Eduardo, os meus assessores diziam que o Brasil ia quebrar. Aliás, Salomão, você que é economista, eu nunca vi gente para ser tão pessimista quanto economista, quando está na oposição. Então, eu fazia reunião com dez, 12 economistas, companheiros meus da maior qualidade, e eles diziam: “O país está quebrado”. E eu falava: desgraça, se está quebrado por que querem que eu seja candidato? Eu vou embora... que ser candidato!



Mas eu lembro que quando eu tomei posse, eu fiquei... quando a gente ganha, o... quando uma figura importante, letrada, daquelas que já tinham governado o Brasil durante cem anos ganha, para ela é mais uma vitória. Mas quando um trabalhador ganha, a responsabilidade é muito maior porque se você não der certo, você vai fazer com que durante 200 anos um trabalhador não possa pleitear a Presidência da República.

Então eu lembro que, com muito cuidado, eu disse o seguinte: eu vou fazer primeiro o necessário, depois eu vou fazer o possível, e quando terminar o mandato a gente já vai estar fazendo o impossível. E aconteceu exatamente isso.

Construir este navio era tido, por alguns especialistas do outro lado, como impossível. Eu conto esta história e vou contar até morrer, porque isso demarca, claramente, a visão que as pessoas têm e constroem do seu país. Neste país nós aprendemos que uma nação não é o tamanho do seu território; uma nação não é a quantidade de árvores; uma nação não é a quantidade de água. Uma nação é a qualidade do povo que habita aquele território, é a qualidade do povo, é a autoestima do povo. Não é apenas a quantidade. E no Brasil nós estamos aprendendo isso. Nós tínhamos desaprendido. Nós tivemos muita autoestima na guerra contra os holandeses, muita. Nós tínhamos muita autoestima aqui em Pernambuco quando a gente fez a república... a Confederação do Equador, porque este estado aqui... A juventude tem que saber: cinco anos antes de a gente conquistar a Independência do Brasil, este estado já tinha brigado para conquistar a sua independência, em 1817. Então, houve um momento em que a gente tinha autoestima.

Mas, um belo dia do século XX, começou a aparecer uma turma e vender a ideia de que nós, brasileiros, éramos de segunda categoria. A palavra correta, que a imprensa vai dizer que é chula, é que nós éramos tratados como vira-latas. Esta é a palavra correta. Nada que a gente fizesse neste país prestava, e as pessoas estavam satisfeitas que o Brasil continuasse apenas



exportando café ou minério de ferro. E assim a gente nunca ia virar uma nação, porque a gente não se respeitava, porque a gente não gostava da gente, porque a gente não acreditava. Quem viajava o Brasil – e aqui tem muita gente que viaja o mundo – sabe perfeitamente bem que no Brasil só apareciam duas [três] coisas do Brasil: futebol, que aparecia; aparecia o Carnaval, mas o Carnaval do Rio de Janeiro e não o Carnaval de Olinda ou de Pernambuco; e violência urbana. Eram três assuntos que apareciam na imprensa internacional, quando apareciam. Era habitual, meu caro Eduardo, era habitual presidente da República do Brasil visitar qualquer país e não sair uma nota de pé de página sobre a visita do presidente brasileiro. Era normal, porque nós éramos entendidos como país pequeno, como país fraco, como país que não cumpria com as suas obrigações. Quem saiu para estudar lá fora sabe o que eu estou falando.

Pois bem, eu duvido que algum empresário que está aqui, eu duvido que algum embaixador brasileiro já teve algum momento na sua vida em que ele sente tanto orgulho de ser brasileiro lá fora, como no momento que a gente está vivendo agora. Eu aprendi, quando eu estava no movimento sindical, eu aprendi que ninguém... era um tempo difícil. Naquele tempo, Armando, naquele tempo, lá pelos anos 75, os empresários não se sentavam com a gente com facilidade, não. Hoje a gente toma café, toma cachaça, uma cerveja, parece tudo amigo, porque nós viramos civilizados, nós aprendemos a trabalhar. Eu, se fosse pegar os meus amigos empresários aqui, a desconfiança que tinham de mim, em 2002... eu nunca perguntei se votaram em mim, de vergonha de eles falarem “não”, nunca. Mas isso, também, nunca mudou a nossa relação. A minha relação é uma relação de respeito, e eu aprendi naquele tempo que uma pessoa só respeita outra se ela própria se respeitar, ou seja, se eu não me respeitar, nenhum de vocês vai me respeitar. Eu tenho que me respeitar para poder exigir e merecer o respeito de vocês. No mundo animal, no mundo animal, a gente vê isso com facilidade. Se um cachorro rosar para o outro e o



outro meter o rabo no meio das pernas, o que rosnou vai no pescoço dele. Mas se o outro rosnar mais grosso, o outro vai afinar. É assim que eu aprendi a me respeitar.

Eu conto uma história, eu conto uma história para falar do navio. Eu conto a primeira viagem, que eu fui a Evian. Pense, pense numa coisa... numa coisa difícil... um presidente metalúrgico ser convidado para ir a Evian, na reunião do G-8, os oito países mais importantes reunidos, e o Lulinha é convocado: sem falar inglês, para não falar [falar] com o Bush; sem falar japonês, para não falar [falar] com o Koizumi; sem falar árabe, para falar com o rei da Arábia Saudita; sem falar francês, para falar com o Chirac. Pense... pense em uma cara sem falar uma língua, dentro de uma reunião ali: oi, oi, oi, oi. Mas olhe, mas foi naquela reunião que eu aprendi uma coisa. Eu cheguei, estava o Tony Blair, estava o Chirac, estava o rei da Arábia Saudita, todo mundo sentado, e eu fui lá, cumprimentei todo mundo e sentei. Eu, Celso Amorim e o Kofi Anann, o secretário-geral das Nações Unidas. E nós estamos sentados lá, e entra quem? Quem? Nada mais, nada menos que Bush. Quando entrou o Bush, todo mundo deu um pulo da cadeira, levantou e ficou em pé. Eu falei para o Celso Amorim: eu vou ficar sentado. Eu vou ficar sentado, porque ninguém se levantou quando eu entrei, nós vamos ficar sentados. Ora, o que aconteceu? O que aconteceu? Humildemente, o Bush foi lá, cumprimentou a mim, cumprimentou o Celso, cumprimentou o Kofi Anann e sentou à nossa mesa. Possivelmente, se fosse aberto a amplos setores da imprensa, eu seria criticado: "Lula afronta Bush!" É assim... é assim que achavam que a gente deveria tratar os Estados Unidos, e nós resolvemos mudar um pouco o jogo. Eu não ofendo ninguém, não quero ser ofendido por ninguém, trato todo mundo bem, quero ser tratado bem por todo mundo. Tenho noção do que os Estados Unidos representam nas relações com o Brasil e com o mundo, tenho noção do que a China representa, mas tenho noção também de que o menor país do



mundo representa a mesma coisa que eles e tenho noção do que o meu país e o meu povo representam para o mundo também.

Pense... pense em uma situação em que o cara vai escalar um time e está precisando chamar um de vocês para jogar. Aí, o cara vai chamar você e fala: “ah, só falta você para entrar”. O cara pensa que chamando você vai ganhar o jogo, e o cara te convida e você fala: “ah, eu estou com dor no espinhaço, eu estou com dor no meu coração, eu estou com a minha hérnia doendo, eu estou com o joelho..., eu estou com tosse...”. Que nem o Prefeito falou aqui. Prefeito tem que se levantar todos os dias... O meu Ministro da Saúde falou: para cuidar da pressão tem que fazer sexo. Então, não fique, não fique lamentando, vá à luta, meu companheiro, vá à luta.

Então, então, eu acho, eu acho que o Brasil... no Brasil aconteceu uma coisa, uma coisa extraordinária. O Brasil passou a gostar dele. Os empresários brasileiros... quando eu disse em Angola, em 2004, que os empresários brasileiros não tinham que ter medo de virar empresários multinacionais, eu fui criticado no Brasil. Hoje o Brasil tem pelo menos uma centena de empresas multinacionais, em todo... é no Canadá... - não é só na América Latina, não - nós temos empresa no Canadá, temos empresa nos Estados Unidos, temos empresa em que país você quiser, na China, na Índia. Temos fábrica de ônibus em quase todos os países, tudo empresa brasileira, tudo empresa brasileira. E por que eu fico com orgulho? Porque significa que cada empresa brasileira num país é um pedacinho deste país fincado no chão de outro país.

Tudo isso aconteceu, não foi por causa do Lula, ou por causa do Eduardo Campos, ou por causa da minha companheira Dilma. Não, não foi. Foi porque o povo brasileiro começou a perceber que era preciso mudar. Tem gente que fala: “Mas o Lula, o Lula...” Eu já fiquei sabendo que em alguns estados, as pessoas falam: “Ah, o Lula só está fazendo coisas para o Nordeste. Não está fazendo para o Sul”. Olhe, eu desafio qualquer político de qualquer país [estado] ou qualquer analista político de qualquer partido a fazer... a pegar



os últimos 30 anos – para não dizer que eu estou comparando com o meu... com o próximo –, 30 anos, para saber em que estado da Federação... se algum presidente colocou mais dinheiro do que eu coloquei, mesmo em São Paulo, onde o governador é adversário, no Rio Grande do Sul. Eles receberam dinheiro, que quando eram eles que governavam não receberam metade do dinheiro que eu dei para eles. E faço assim, e faço assim porque eu quero que eles me respeitem.

Eu não quero fazer como a velha política, porque Pernambuco, quando o Arraes era governador, que brigou com um presidente, trataram Pernambuco a pão e água. E a minha relação não é com o governador, a minha relação é direta com o povo. Se tem povo e o governador é de qualquer partido político, não me interessa, não me interessa, eu quero é cuidar do estado. E por isso, por isso Pernambuco deu esse salto extraordinário, porque durante décadas Pernambuco foi tratado como se fosse adversário. Mesmo quando eles elegiam um deles, ainda assim não davam dinheiro.

Então, eu estou para terminar o meu mandato, companheiros. No dia 31 de dezembro eu me despeço da Presidência da República. Talvez seja a última vez que eu venho inaugurar um navio aqui no Estaleiro. Não vai dar pronto para ficar outro [não vai dar tempo para aprontar outro], não vai dar para aprontar outro até dezembro. Vai? Se tiver o segundo, cá estarei. Então, eu não posso nem me despedir de vocês.

Mas olhem, a construção deste navio é uma coisa que tem que ser levada a sério por nós, não apenas pela recuperação e pela geração de empregos na indústria naval, mas é porque é a autoafirmação de um povo, é a autoafirmação de um povo que, durante muito tempo, foi esquecido. O Nordeste brasileiro só aparecia nas estatísticas como campeão de mortalidade infantil, campeão de analfabetismo, campeão não sei das quantas. E quando as pessoas queriam elogiar um nordestino, falavam assim: “O nordestino é bom. Ele constrói ponte em São Paulo, ele constrói prédio”, como se nós



prestássemos só para ser pedreiros!

Nós descobrimos... e vejam a ironia do destino, companheiros: eu e o José Alencar não temos diploma universitário. Eu gostaria de ter tido. Eu gostaria de ter sido economista. “Eita bicho esperto, rapaz bom! Como lida com números! Uma coisa fantástica!” É uma coisa... ser economista é uma coisa... Então, eu não pude ser. Mas, eu e o José Alencar somos os dois únicos exemplos na história da República, de duas pessoas que não tiveram diploma universitário e que chegaram a presidente e a vice-presidente. Pois bem, não é ironia do destino que um presidente que não fez universidade já é o presidente que mais fez universidades na história do Brasil? Não é ironia do destino que seja eu que, em 8 anos, fizemos [tenha feito] uma vez e meia a quantidade de escolas técnicas que eles, que tinham diploma, fizeram em 100 anos? O que eles fizeram em 100 anos, nós fizemos, em 8 anos, uma vez e meia.

Portanto, companheiros e companheiras, eu, na verdade, quero entrar ali com vocês, ver aquele “bicho marrom” que está ali, e ser convidado para dar a primeira volta nele, ser convidado... A primeira volta, porque só ver de longe... A gente faz. A gente, nada! Vocês fizeram. Eu, agora, falei como se fosse o chefe: o chefe da seção, quando um peão faz as peças boas, ele chega para o chefe dele e fala: “nós fizemos, está maravilhoso”. Aí, quando o coitado do peão erra, ele fala: “foi o peão que errou”.

Então, eu... vocês vão ver uma coisa que eu vi com esta moça aqui, com este moço aqui, e com aquele moço ali. Eu, na semana passada, fiz uma reunião para discutir a Transnordestina, que vai ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, e vai até Eliseu Martins, no Piauí, buscar soja. É uma ferrovia de 1.800 quilômetros. Agora, agora em junho... agora em junho, eu vou a Salgueiro. Lá em Salgueiro está sendo montada a maior fábrica de dormentes do mundo, e está sendo montada uma usina de brita, que é a maior do que as 40 que tem em São Paulo.

Agora, o que eu fiquei triste e, aqui, eu quero dizer olhando para meus



amigos empresários. O que eu fiquei triste, Armando, é que o Brasil não produz um metro de trilho, o Brasil não produz trilho. Nós compramos trilho da Polônia, nós compramos trilho da Itália, nós compramos trilho da China. E eu acho isso uma vergonha, meu caro Gabrielli, acho uma vergonha este país ter fechado, há 15 anos... Como é que se chama, Dilma, o que produz trilho? Ah, laminador. Fui consultar os universitários. Há 15 anos, a CSN tinha um laminador que produzia trilho. Não tem mais! Então, veja, nós estamos fazendo a Ferrovia Norte-Sul, nós já aprovamos, no PAC, a ferrovia Leste-Oeste, ligando de Ilhéus, na Bahia, até a Ferrovia Norte-Sul; nós estamos a Transnordestina; nós estamos fazendo a Ferronorte até o interior do Mato Grosso. Vamos levar a Ferrovia Norte-Sul até São Paulo. Imaginem uma espinha de peixe, é o que nós estamos fazendo com a Ferrovia, no Brasil, são mais de 6 mil quilômetros. Então, eu virei aqui em junho, para a gente ir lá inaugurar essa fábrica. Eu não sei se o Eduardo vai poder ir, porque ele vai ser candidato, ele não pode participar de inauguração, se não fosse candidato poderia ir comigo. Mas se for candidato, eu não sei se pode ir. Mas...

Então, eu fico imaginando este estaleiro produzindo navios cada vez maiores. O trem... A BR-101, vocês já andaram em um trecho da BR-101, já andaram? Pensem numa estrada boa! Hoje, nós vamos anunciar mais um pedaço dela. Até onde? De Palmares a... Pernambuco e Alagoas, ali na divisa, já é mais um trequinho. Quando a gente pegar um carro e sair nessa estrada com a família, a gente vai parar de dizer: "Na Alemanha é que tem estrada boa, na França é que tem estrada boa!" Nós vamos dizer: "Em Pernambuco, no Nordeste brasileiro tem estrada que não deve nada a nenhuma estrada de qualquer lugar do mundo". Feita, grande parte feita, uma parte pelo Exército brasileiro, outra parte pelas empresas privadas.

Então, companheiros, eu quero que vocês saibam que neste coração velho aqui, que não está fraco como está o coração do Prefeito, que disse que não pode ficar emocionado, eu fico emocionado todo dia, porque eu sou



corinthiano. E corinthiano se emociona quando perde e quando ganha; quando empata, faz festa. Então, eu estou sempre emocionado.

Agora, eu tomei a decisão de colocar o nome neste navio de “João Cândido”, o outro vai ser colocado “Celso Furtado”, vou homenagear um economista, porque um país não pode ter meia história, um país tem que ter uma história completa, a gente goste ou não goste. E neste país só aparece a história dos vencedores, a história dos derrotados quase nunca aparece, quase nunca aparece. E a gente goste ou não goste, João Cândido é um personagem da história brasileira que mostrou que os brancos, os brancos, que chefiavam a Marinha naquele tempo, não estavam respeitando sequer a legislação brasileira, que já tinha acabado com as chibatadas que os negros tomavam. E João Cândido tomou 250 chibatadas, desmaiou, e nem desmaiado pararam de dar chibatadas nele. Então, é uma pequena homenagem. E daqui para a frente, Gabrielli, outros personagens que foram heróis neste país, que não saem nas páginas dos jornais, o jeito de nós homenagearmos eles é esse, é fazendo o nome deles atravessar as fronteiras brasileiras, cortando os mares do Norte e do Sul com o nome de personagens que merecem respeito neste país. Tem muita gente que merece respeito e que está no anonimato. A história, por exemplo, de Frei Caneca não é bem contada. Era preciso contar, porque é motivo de orgulho. Este estado aqui produziu o primeiro texto sobre Socialismo. Eu acho que Marx virou socialista porque leu o texto do Abreu e Lima, viu?

Então, eu estou, estou muito orgulhoso. Ontem nós fomos lá no Pará, nós fomos anunciar um investimento que vai gerar 9 mil empregos quando estiver funcionando. Você pega uma mulher daquelas... Ô Dilma, eu vi uma mulher, uma senhora que trabalhava a vida inteira dentro de casa, porque mulher que trabalha em casa... é engraçado, né? A mulher se levanta de manhã, limpa banheiro, dá a roupa para o marido; às vezes o marido é preguiçoso, pede a toalha, ela vai dar a toalha; ele pede cueca, ele pede meia, e a mulher vai dar. Depois tem que preparar os filhos para a escola, tem que



preparar almoço, tem que lavar louça, tem que arrumar cozinha, tem que preparar a janta, tem que fazer janta, colocar a molecada para dormir. À meia-noite, quando não aguenta mais, alguém pergunta: “A senhora trabalha?” Ela fala: “Não”. Então, aquela mulher que estava aprendendo a só falar que não trabalhava, porque era doméstica, ela, Dilma, está ganhando R\$ 700 plantando muda de palma, muda de palma do dendê. Ela falou: “Presidente, o senhor não sabe o meu orgulho de ganhar o meu primeiro salário e chegar em casa com R\$ 700 na mão”. É uma coisa...

Eu vi a cara destas soldadoras falando aqui... No tempo em que eu era presidente do Sindicato, era impensável mulher trabalhar em solda! Era serviço para homem, era considerado insalubre, e mulher não podia nem passar... Eu, quando vejo a cara de vocês, orgulhosamente sendo soldadoras, porque não há diferença nenhuma entre a capacidade de trabalho de uma mulher e de um homem, não há nenhuma diferença. O que precisa é dar oportunidade, para ver o que as pessoas fazem.

Eduardo, então, eu penso que o Brasil chegou num nível que a gente não pode perder. Você veja que o mundo está em crise. Todos os dias você vê, né? Grécia está em crise, Espanha está não sei da onda, Portugal não sei da onda, e o Brasil só... tranquilo, maduro, sem fazer pompa, sem ficar metido. O Brasil era o décimo exportador de grãos, já virou o terceiro. Este ano, 145 milhões de toneladas, e é pouco. Nós poderemos muito mais, porque quanto mais “chininha” comer, quanto mais africano comer, quanto mais indiano comer, quanto mais brasileiro comer, mais a gente tem terra para produzir e ninguém tem terra e água como nós temos. Bem, o Brasil já fez isso. Agora nós estamos tão bem que nós até emprestamos dinheiro para o FMI. Agora eles me devem US\$ 14 bilhões. Qualquer dia... Vocês estão lembrados de quando eles vinham fiscalizar o Brasil, não é? “Chegou a comitiva do FMI, desceu no aeroporto de Congonhas e vai conversar com o Ministro da Fazenda”. E o Ministro já começava a tremer, já começava a tremer, já começava a tremer.



Agora a imprensa vai dizer: “O presidente Lula mandou seus assessores ao FMI [para] saber se eles estão aplicando corretamente o dinheiro emprestado pelo Brasil para ajudar os outros países pobres”.

Então, olhem, eu... não tem nada no mundo que pague a um presidente da República a cara de vocês, não tem nada que pague o gesto simbolizado pela cara de vocês, pelo depoimento. Porque a gente vai acabar com bandido neste país é na hora em que a gente oferecer oportunidades para que as pessoas pobres da periferia tenham um emprego, um salário, para cuidar da sua família. Se a gente não oferecer isso, o crime organizado oferece. É uma disputa cotidiana que nós temos que fazer.

Eu quero agradecer aos empresários do Atlântico Sul. Eu lembro, Nascimento, quando você entrou na minha sala para dizer que estava pensando em investir em estaleiro, eu falei: “Bichinho”, vá lá para Pernambuco, não vá... Não olhe o mapa do Brasil, para muito lugar não, vá direto. Então, eu quero agradecer, de coração, a vocês, aos empresários da indústria naval, que quando a gente estava na briga com os outros, da outra banda, que diziam que a gente não podia construir plataforma e sonda aqui, vocês estiveram do nosso lado, e hoje este país virou um país respeitado, virou um país grande.

Este país já tinha perdido três vezes o direito de ter... de ser sede das Olimpíadas. E nós não ganhamos de qualquer um, não. Nós ganhamos foi dos Estados Unidos, do Japão e da Espanha, e ganhamos porque fomos lá com a autoestima no coração, fomos lá para falar grosso, porque eu tinha... Engraçado, eu tinha... No dia em que eu embarquei, eu vi um canal de televisão que mostrava alguém falando o seguinte: “Não, o Brasil, o Brasil não tem que ficar reivindicando fazer Olimpíadas. O Brasil não pode... Como é que o Brasil quer disputar com Chicago? Como é que o Brasil quer disputar com Madri? Como é que o Brasil quer disputar com Tóquio? Lá já resolveram os problemas da Educação, lá já resolveram da Saúde. O Brasil precisa gastar é nessas coisas”. É o complexo de que a gente não pode nada. Eu fui para lá –



eu e a turma: o Governador do Rio, o Prefeito, o ministro Orlando –, nós fomos lá como se fosse gritar: “Vamos mostrar que nós somos mais pobres do que eles, mas temos tanta autoestima como eles”. E o Brasil ganhou a Copa do Mundo, ganhou as Olimpíadas. Este ano, as coisas estão indo bem. Quando eu disse que a economia do mundo estava mal e que a do Brasil era só “uma marolinha”, me encheram o saco durante um ano, me encheram o saco. Agora, as pessoas estão percebendo que a gente estava certo. A gente estava certo é porque eu discuto muito economia. Eu falo de economista, Salomão, mas eu discuto economia pelo menos três vezes por semana, eu me reúno com muitos economistas. Quando eu não me contento com aqueles que falam comigo, eu ligo para outros. Eu sou besta, mas não rasgo nota de dez não, sabe? Eu posso errar, eu posso errar porque tomei uma decisão equivocada, mas que eu consulto as pessoas, consulto.

Eu vou dizer para vocês uma coisa: eu acho que o que nós fizemos no Brasil precisa... não pode mudar. Se a gente deixar este país regredir, nós sabemos que para fazer é difícil, para derrubar é fácil. Vocês viram o que aconteceu com a Grécia agora; vocês viram o que aconteceu com a economia americana. Eles perderam, em um ano, 7 milhões de postos de trabalho, e nós criamos 1 milhão. A Europa perdeu mais de 8 milhões de empregos no ano passado. Este ano, nós já criamos, em três meses, 605 mil postos de trabalho. E, se Deus quiser, vamos chegar, Armando, a 2 milhões de empregos com carteira assinada, este ano. Quando eu ganhei, estava no meu programa: “O Brasil precisa criar 10 milhões”. Eu não disse que eu ia criar, eu disse que o Brasil precisava criar 10 milhões. Aí, todo dia: “Lula prometeu 10 milhões, Lula prometeu 10 milhões”. Pois bem, não vou entregar 10, vou entregar 14 milhões e meio de empregos com carteira profissional assinada. Certamente, só perdemos da China, certamente só perdemos da China ou da Índia, porque são países com mais de 1 milhão [bilhão] de habitantes.

E o prazer, o prazer que eu tenho... no dia em que eu deixar a



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Presidência, a lembrança que eu vou levar é a cara de vocês, é o prazer de ver homens brasileiros, do Nordeste brasileiro, levando para casa o alimento para a sua família, com a sua capacidade e com o seu suor. Nada é mais gratificante para um presidente da República do que ver um trabalhador trabalhando e cuidando da sua família.

Que Deus abençoe todos vocês. Que Deus abençoe a direção da Petrobras, da Transpetro, e que a gente possa construir muitos navios aqui neste estaleiro. Um abraço, gente. Vamos, agora, ver o trabalho de vocês.

(\$211A)